

Palavra escrita, palavra digitada: a leitura na era digital

Raimundo Márcio Mota de Castro

Mestre e Doutor em Educação. Pós-doutorado em Educação Escolar e Religião. Professor Titular no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia, da Universidade Estadual de Goiás.

prof.marcas.posgrad@gmail.com

Resumo

A escrita permitiu ao ser humano reconstruir sua cultura, sua história e ter acesso a informações sem necessariamente ter a presença dos interlocutores diante de si. Como processo humano a escrita sofre influências da linguagem oral. Em tempos de avanços das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, interrogamos como se pode perceber a apropriação da leitura e da escrita por discentes do Curso Superior de Tecnologia em Logística, em um campus da Universidade Estadual de Goiás? A fim de responder à questão da pesquisa objetivou-se analisar como os discentes de um curso tecnológico apropriam-se da leitura e como essas apropriações interagem com a produção de suas escritas. Deste modo, empreendeu-se a pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória, com procedimentos de pesquisa bibliográfica e de campo. Recorreu-se ao aporte teórico de Carr (2011), Veen; Vrakking (2009); Santaella (2004); Levy (1999) entre outros. Concluiu-se que as novas gerações têm encontrado dificuldade de compreender o processo da aquisição da leitura e da escrita uma vez que em sua forma de pensar a contemplação e linearidade são consideradas como modo improdutivo de vida, fato que impede, em muitos casos, a percepção crítica da realidade.

Palavras-chave: Leitura. Escrita digital. Mundo digital. Tecnologia.

Word written, word digitized: reading in the digital age

Abstract

Writing allowed human beings to reconstruct their culture, their history and access to information without necessarily having the presence of the interlocutors in front of them. As a human process writing is influenced by oral language. In times of advances in Digital Technologies of Information and Communication, we ask how one can perceive the appropriation of reading and writing by students of the Higher Course of Technology in Logistics, in a campus of the State University of Goiás? In order to answer the question of the research the objective was to analyze how the students of

a technological course appropriate reading and how these appropriations interact with the production of their writings. In this way, a qualitative, exploratory approach was undertaken with bibliographic and field research procedures. We used the theoretical contribution of Carr (2011), Veen; Vrakking (2009); Santaella (2004); Levy (1999) among others. It was concluded that the new generations have found it difficult to understand the process of acquiring reading and writing since in their way of thinking contemplation and linearity are considered as unproductive way of life, a fact that in many cases prevents the critical perception of reality.

Keywords: Reading. Digital writing. Digital world. Technology.

Introdução

A escrita possibilitou ao ser humano a fixação da linguagem oral, promovendo a superação da atividade de contar e ouvir as histórias em torno da fogueira como faziam as comunidades tribais que ao utilizar de tal recurso preservavam e compartilhavam experiências e conhecimentos (VEEN, VRAKKING, 2009). O registro da palavra escrita possibilitou ainda a preservação de grande e significativa parte da cultura humana.

Como forma de representação da linguagem oral, a escrita não existe em si, mas concede a fala certa materialidade e por isso sofre, no decorrer do tempo, modificações significativas. Estas tornam-se ainda mais notórias em tempos digitais, quando a forma de materializar a linguagem oral, promove o surgimento de um novo jeito do humano de se relacionar com a forma escrita, ao que parece, exigindo o surgimento de uma linguagem à margem daquela convencionalmente usual e aceita como padrão.

Ao ser incumbido de ministrar a disciplina Linguagem, Tecnologia e Produção Textual, em 2015, no curso de graduação de Tecnologia em Logística, na Universidade Estadual de Goiás, passamos a identificar as diversas situações em que a palavra escrita refletia a palavra digitada e interferiam diretamente na aquisição da leitura proficiente de alunos universitários, particularmente desse curso. Então fomos provocados a propor a pesquisa intitulada “Palavra Escrita, Palavra Digitada: a leitura na era digital” que tinha como objetivo refletir sobre a leitura e a escrita de alunos do curso de Tecnologia em Logística, tendo como parâmetro uma revisão de literatura, buscando livros e textos que debatem a leitura e a escrita em tempos passados e em

tempos atuais, no qual as tecnologias digitais alcançam quase todos, objetivo este que foi ampliado no segundo ano de execução do projeto quando sentimos a necessidade de perceber empiricamente como os discentes do curso se relacionavam com a leitura e a escrita em seu cotidiano, fato que demandou a ampliação da indagação inicial. Deste modo, apresentamos parte dos resultados obtidos na pesquisa que busca responder a seguinte indagação: como se pode perceber a apropriação da leitura e da escrita por discentes do Curso Superior de Tecnologia em Logística, em um campus da Universidade Estadual de Goiás? Assim, a pesquisa objetivou analisar como esses discentes apropriam-se da leitura e como essas apropriações interagem com a produção de suas escritas.

Deste modo, o artigo que agora apresentamos, como resultado da pesquisa, ainda que seja apenas um recorte, está disposto em quatro movimentos complementares: inicialmente demonstramos as escolhas metodológicas que empreendemos; seguidamente refletimos sobre as transformações ocorridas na sociedade que fizeram emergir o homo zappiens, identificando-o como um ser imerso no mundo das tecnologias digitais da informação e comunicação; depois refletimos sobre a leitura e a escrita em tempos digitais; e, por fim, apresentamos interseções percebidas nas respostas dos participantes da pesquisa, que nos ajudam a compreender o fenômeno em questão.

O percurso metodológico

No que se refere as escolhas metodológicas, optamos pela abordagem qualitativa por entendermos, conforme Minayo (2010, p. 14), que essa abordagem “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis”. Desde modo, “[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2010, p. 22).

Quanto aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como exploratória uma vez que nos proporcionou “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais

explícito ou a construir hipóteses [...]” (GIL 2010, p. 27), ou seja, consideramos que essa pesquisa “promove ao pesquisador maior familiaridade com o problema a fim de torná-lo mais explícito” (CASTRO, 2016, p. 348).

Quanto aos procedimentos consideramos a pesquisa teórico-bibliográfica e a pesquisa empírica. No entendimento de Demo (2000, p. 20) pesquisa teórica é aquela “dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”. No que se refere a pesquisa bibliográfica Boccato (2006, p. 266), afirma: “a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”. E complementa: “[...] Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica” (BOCCATO, 2006, p. 266). Corroborando com a autora, Fonseca (2002, p. 32), afirma:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

No que se refere a pesquisa de campo, Gonçalves (2001, p. 67) afirma:

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Para a recolha das informações, optamos pela aplicação de questionário a 80 (oitenta) possíveis participantes. A escolha do curso e dos sujeitos deu-se por questões de ordem prática uma vez que atuamos no curso como professor e assessor pedagógico do campus. Tem sido recorrente ouvir, nas reuniões de professores/as, o relato de que os alunos possuem significativa dificuldade em escrever e ler os textos propostos pelos docentes, tornando-se mais evidente as reclamações da professora que atualmente ministra a disciplina de Linguagem, Tecnologia e Produção Textual.

Deste modo, selecionamos como universo e população, alunas e alunos que cursaram a disciplina Linguagem, Tecnologia e Produção Textual, nos anos de 2015 e 2016, uma vez que o projeto iniciou em 2016. Como técnica de recolha de dados, aplicamos um questionário com 4 (quatro) questões abertas.

Para nossa surpresa e considerando que os participantes eram voluntários, somente obtivemos o retorno de 20 (vinte) questionários devidamente respondidos. Deste modo, trabalhamos com uma amostra de 25% (vinte e cinco por cento) dos potenciais respondentes sendo-nos possível a compreensão que se trata de uma amostra significativa.

Todos os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa e após tomar conhecimento dos procedimentos, assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. Observando as questões éticas da pesquisa que envolve seres humanos, suas identidades serão resguardadas, sendo que ao utilizar os dados apresentados pelos mesmos utilizaremos o termo “Participante”, seguido do número de ordem de recebimento dos questionários, sendo-lhes atribuído número de ordem de 01 (um) a 20 (vinte).

Sociedade em transformação: da oralidade ao homo zappiens

A produção e a difusão da informação e do conhecimento se deram, inicialmente, pela oralidade, “[...] as pessoas costumavam se reunir ao redor do fogo ao cair da noite para ouvir e fazer valer as tradições da tribo e, assim, compartilhar experiências e preservar o conhecimento. [...]” (VEEN, VRAKING, 2009, p. 10). Para Lévy (1993) o tempo da oralidade primária caracterizava-se pela inexistente forma de registrar o conhecimento.

Ao inventar a escrita e, deste modo, fixar a linguagem oral de forma permanente, perpetuando o discurso produzido por uma determinada sociedade, a humanidade passou a preservar materialmente suas experiências e repassá-las as futuras gerações. Vale lembrar que a escrita não existe em si, mas está associada a uma linguagem falada. Trata-se de conceder a fala certa materialidade que pode ser transmitida, difundida em sua totalidade, ultrapassa o tempo e o espaço. Conforme Dias (1999), a escrita possibilitou o conhecimento de fatos presenciados ou relatos

feitos por pessoas que viveram em outras épocas, não mais se fazendo necessário a presença do sujeito social para a reprodução de experiência. Mas para além da escrita, a utilização de imagens também se mostra como importante fator de comunicação no mundo antigo.

Imagens, especialmente estátuas, eram outra importante forma de comunicação e mesmo de propaganda no mundo antigo, sobretudo em Roma na era de Augusto. Essa arte oficial romana influenciou a iconografia dos primórdios da Igreja Católica [...]. Para os cristãos, as imagens eram tanto um meio de transmitir informação como de persuasão. [...] as imagens serviam para aqueles que não sabiam ler — a grande maioria — da mesma maneira como a escrita servia para aqueles que liam (BRIGGS; BURKER, 2006, p. 16-17).

Chama-nos a atenção, que as grandes navegações, ocorridas a partir do século XV, possibilitam também que as experiências coletivas e registradas por meio da escrita chegassem mais facilmente de uma comunidade a outra. Outro fator moderno que contribui para a popularização da leitura e da escrita, pode residir na invenção, da prensa gráfica, na Europa, por volta de 1450, realizada por Johann Gutenberg de Maiz, que usava tipos moveis de metal (BRIGGS; BURKER, 2006)¹. Apesar de ter claro que mesmo antes desse feito, já se registrava, na Europa, uma expansão da produção dos manuscritos.

No entanto, é fato que a utilização da prensa permitiu acesso à comunicação de informações a um número cada vez maior de pessoas, estimulando o hábito da leitura que encontrara um impulso maior por volta do século XIX, com o surgimento da indústria jornalística. Desde então, as tecnologias tornam-se protagonistas da informação e da comunicação. E não tardou para que viesse o telégrafo (1840), o telefone (1870), o rádio (1920) e a televisão (1940-1950), fatores que promoveram mudanças significativas e consequências culturais e sociais relevantes (BRIGGS;

¹ Na China e no Japão, a impressão já era praticada há muito tempo — desde o século VIII, se não antes —, mas o método geralmente utilizado era o chamado de "impressão em bloco": usava-se um bloco de madeira entalhada para imprimir uma única página de um texto específico. O procedimento era apropriado para culturas que empregavam milhares de ideogramas, e não um alfabeto de 20 ou 30 letras. Provavelmente por essa razão teve poucas consequências a invenção de tipos móveis no século XI na China. No entanto, no início do século XV, os coreanos criaram uma fôrma de tipos móveis, descrita pelo acadêmico Henri-Jean Martin como "de uma quase alucinatória similaridade àqueles de Gutenberg". A invenção ocidental pode ter sido estimulada pelas notícias do que havia acontecido no Oriente (BRIGGS; BURKER, 2006, p. 24).

BURKER, 2006). Vale ressaltar que essas novas mídias passavam a utilizar novos canais de transmissão de informação e comunicação, aliando ondas de frequência, som e imagem em movimento. Mas foram os computadores e a internet que possibilitaram a convergência de várias mídias e, ainda que permaneçam em fluxo contínuo, tem operado mudanças significativas nas relações, “sejam individuais ou sociais, locais ou globais” (BRIGGS; BURKER, 2006, p. 23), pois como bem frisa Carr (2011, p. 14) “[...] sempre que surge uma nova mídia, as pessoas são naturalmente impactadas pela informação — o “conteúdo” — que ela transmite”.

Apesar dos computadores e da rede (comumente chamada de internet) entrarem no cotidiano da sociedade nas décadas de 1980-1990, seu impulso deu-se no pós-guerra, como constata Lins (2013, p. 13): “A rede, no entanto, nasceu bem antes, nos anos sessenta, como resultado de um esforço do sistema de defesa dos EUA para dotar a comunidade acadêmica e militar de uma rede de comunicações que pudesse sobreviver a um ataque nuclear”. Ainda segundo o autor, “Na década de oitenta, a Internet torna-se realidade. Cientistas de diversos países passam a se comunicar diretamente, pelos computadores das universidades e seus terminais. A rede já se expande além das fronteiras dos EUA” (LINS, 2013, p. 20).

No que se refere aos computadores, Pereira (2014, p. 410) afirma:

Até a década de 1970 os computadores mantiveram-se restritos a governos e universidades e tinham o perfil de Mainframes. Foi neste período que começou a difusão do conceito de PC (Personal Computer), aparelhos compactos a serem usados por pessoas físicas ou empresas para executar tarefas. A partir da década de 1980 os PCs se popularizam, marcados pela queda do preço e pelo aumento de capacidade de processamento, que se amplia de forma vertiginosa até hoje.

A utilização dessas tecnologias digitais da informação e da comunicação deram origem ao que os autores/as convencionaram chamar de “sociedade em rede” (CASTELLS, 2000), “era digital” (LÉVY, 1993), “sociedade da informação” (VALEJO, 2007). Evidenciamos assim que nas últimas quatro décadas a sociedade transita numa sociedade digital, na qual os mais diversos instrumentos tecnológicos se aglutinam promovendo transformações nas relações sócio humanas.

O contínuo acesso a redes sociais criou novos hábitos. A interação nas comunidades e o acompanhamento dos fatos por blogs ou por mensagens geradas pelos próprios envolvidos, em serviços como twitter ou WhatsApp, corroem a audiência de mídias tradicionais como o jornal, o rádio ou a televisão. O individualismo decorrente da interação com a tela e a rede dissolveu o pressuposto dos veículos de massa tradicionais, em que uma audiência passiva se agregava ao redor dos aparelhos receptores, sobretudo nos refeitórios e na sala de estar das residências (LINS, 2013, p. 37).

É notório que vivemos em um tempo de profundas e contínuas transformações. Diferentemente das gerações passadas, nossa forma de produção cultural contemporânea, ou seja, nosso modo de ser e agir no mundo, passa pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, uma vez que se apresentam não apenas como meros instrumentos utilizados pelo ser humano, mas como fatores determinantes a alterar nossa forma de pensar e agir (SANTAELLA, 2004). As novas gerações criaram novas formas de se relacionarem com o mundo que as cerca, como constata Zarzalejos (2016, p. 11):

Os jovens não usam relógio nos pulsos porque consultam a hora em seus smartphones. [...] não compram jornal porque se informam por meio das redes sociais, as quais acessam, muito frequentemente, também via smartphone. [...] não pedem táxis para locomover-se porque utilizam APPs que lhes proporcionam transporte alternativo mais rápido e mais barato a partir de seus celulares. [...] não assistem à televisão porque preferem acompanhar programas por meio de um computador e distrair-se –e aprender–, conectando-se ao Youtube durante o horário nobre. Centenas de milhares de jovens não assistem às aulas porque estão online – a partir de suas casas, acessam as universidades digitais. Tampouco compram roupas em uma loja porque as selecionam a partir de um meio digital e as recebem onde desejarem. Do mesmo modo, não precisam dirigir-se a agências bancárias: todas as suas transações são digitais. E se informam sobre a previsão do tempo, sobre as cotações de ações na bolsa a partir de seu celular e smartphone. Além disso, se relacionam com seus amigos, separadamente ou em grupos, usando a engenhoca digital. E se deslocam de uma cidade a outra de forma colaborativa ativando o aplicativo correspondente.

Nessa nova configuração social o ser humano torna-se interagente e agente comunicador, uma vez que não somente tem acesso a informação, mas pode participar diretamente de suas diversas interfaces, ora opinando, ora interagindo com indivíduos ou grupos, ora produzindo novas informações e difundindo-as. É nesse contexto que

localizamos o surgimento do homo Zappiens (VEEN, VRAKKING, 2009), ou seja, de uma geração que nasce a partir da década de 1980 em diante, que cresceu tendo disponível as tecnologias digitais da informação e comunicação e que na sua formação como ser social está conectada à rede internacional de computadores, lidam cotidianamente com informações digitais e exigem maior velocidade nas respostas que esperam.

Trata-se de uma nova geração, com características muito próprias e peculiares, que fogem do entendimento convencional, principalmente no que se refere as relações que estabelecem com o meio em que vivem e com as pessoas que os circundam.

Sendo os primeiros seres digitais, cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa [...], elas processam quantidades enormes de informação por meio de uma grande variedade de tecnologias e meios (VEEN, VRAKKING, 2009, p. 29).

Neste sentido, cabe-nos compreender a leitura e a escrita nessa sociedade das tecnologias digitais da informação e comunicação.

Leitura e escrita em tempos digitais

Podemos compreender que a leitura faz parte da vida humana, uma vez que “a aprendizagem da leitura e da escrita equivale a uma "releitura" do mundo” (FREIRE, 2001, p. 40), ou seja, a leitura de mundo começa antes que a criança chegue à escola, pois a todo instante somos instigados e estimulados a entender o meio que nos cerca, utilizando-se do recurso da interpretação. Deste modo, antes de operacionalizarmos a escrita, ou seja, a decodificarmos os símbolos e sinais, já interpretamos a vida e a realidade em nossa volta.

Freire (2015) ao analisar a obra freireana, considerando a leitura da escrita e a leitura do mundo compreende que para o autor:

[...]não poderia haver a leitura da palavra, ou do texto, desvinculada da leitura do mundo ou do contexto. Entre texto e contexto há uma conexão intrínseca, mediatizada pelo diálogo entre os seres humanos, que não permite que possa existir o diálogo fora daquela relação, isto é, fora da relação texto/contexto (FREIRE, 2015, p. 296).

É por meio da leitura que o sujeito constrói seu conhecimento, amplia seus horizontes, exercita sua imaginação e alimenta a possibilidade de formular ideias e pensar criticamente. Mas ao considerar a geração de homo Zappiens, podemos nos perguntar como essa realidade se processa?

É fato que o ser humano leitor do século XIX e de da primeira metade do século XX, executava tal prática por meio da leitura de textos impressos como livros, jornais e revistas. Esses instrumentos lhes mantinham informados dos últimos acontecimentos ou mesmo lhes possibilitavam compreender o conhecimento registrado pelas gerações anteriores. “Tínhamos de confiar na informação dos jornais, e pouquíssimas pessoas podiam ver o que acontecia no mundo por conta própria” (VEEN, VRAKING, 2009, p. 21).

Situação que se modifica com o advento das tecnologias como o rádio, a televisão e mesmo o cinema. A utilização cada vez mais frequente desses aparelhos criou, aos poucos, um distanciamento das bibliotecas e livrarias, sendo o livro substituído do mundo do entretenimento que passou a contar com os recursos tecnológicos de versão oral e/ou visual.

O livro, no seu formato impresso, é uma herança cultural da humanidade, pois ele foi escolhido como fonte principal para preservação e difusão da cultura. No entanto, vários caminhos foram percorridos, do rolo ao códex, até chegar a esse formato impresso que conhecemos, considerado uma forma segura de preservar as experiências e os conhecimentos. Agora outras mudanças marcam a evolução do texto em formatos eletrônicos (COUTO; OLIVEIRA; ANJOS; 2011, p. 147).

Trajetória parecida ocorreu com a escrita, uma vez que ao utilizar-se do telefone para se comunicar, aos poucos, as pessoas foram perdendo o hábito de escrever cartas, bilhetes e recados. A medida que as tecnologias passaram incorporar em um único aparelho, várias mídias, viu-se o enfraquecimento dos recursos antes utilizados. Mas, cabe salientar que com o advento dos telefones celulares que rapidamente migraram para os smartphones, percebemos um retorno ao hábito de escrever e ler. Mas esse hábito vem acompanhado de novas formas comunicativas, integrando o texto escrito a imagens, sons, cores e vários outros recursos. Para Freitas; Costa (2011, p. 16):

A leitura não é mais linear e se converte agora em um outro termo: navegar. Enquanto manuseamos um livro, viramos sequencialmente suas páginas. O hipertexto informatizado nos dá condições de atingir milhares de dobras imagináveis atrás de uma palavra ou ícone, uma infinidade de possibilidades de ação, muitos caminhos para navegar. O leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel.

Como se pode notar, tem acontecido uma profunda mudança no processo de leitura e de escrita, as vezes ocasionando, o enfraquecimento do conhecimento, numa sociedade bombardeada pela informação.

É importante observar a nova roupagem da escrita/leitura. O seu corpo está modificado, agora em uma tela, adquirindo configurações, permitindo atos de interatividade muito maior, além das múltiplas possibilidades de trajetos e modos de leitura. Com a chegada do escrito digital, apresenta-se uma alteração mais intensa em relação ao jeito que se obtém e internaliza a informação. Modifica-se a forma como o texto é apresentado ao leitor, o que revela uma revolução não só do suporte como da própria estrutura do texto (COUTO; OLIVEIRA; ANJOS, 2011, p. 147).

Vemos a modificação da relação leitura e escrita e precisamos compreender como essa realidade impacta diretamente na aprendizagem dos alunos e na compreensão da necessidade de ler de forma proficiente, ou seja, capaz de compreender e interpretar o que leu, situação que se desdobra na forma com que cada sujeito se relaciona com a escrita. Passamos a compreender a leitura e a escrita no entendimento desses alunos.

Como entender a leitura e a escrita de alunas/as homo zappiens

Iniciamos traçando um perfil dos alunos/as que participaram da pesquisa. Quanto a faixa etária, a idade dos participantes a média é de 28 anos, sendo a mais nova com 22 anos e a de maior idade com 36 anos. Dos 20 (vinte) participantes, 12 (doze), que equivale a 60% é do sexo feminino e 40% do sexo masculino. Dado relevador uma vez que o público do curso é majoritariamente masculino numa faixa de 70%. Fato que nos possibilita inferir que as mulheres foram mais solícitas em participar da pesquisa. Todos/as participantes estão em seu primeiro curso superior e faixa de 80% estava há mais de 10 (dez) anos longe da formação formal. No entanto,

80% já atua na área do curso, e veem no curso uma possibilidade de ascensão profissional.

Das 10 (dez) questões que constavam no questionário utilizado na pesquisa, compreendendo os limites de escrita de um artigo, selecionamos apenas umas, dentre as várias unidades de significado que emergiram nas repostas dos/as participantes. Essa unidade apresenta a relação do leitura/escrita e a aquisição do conhecimento em tempos digitais.

Compreendemos que a leitura e a escrita em tempos digitais acontecem de forma diferente daquela que aprendemos na escola, com exceção da escrita de documentos, trabalhos acadêmicos e escolares que primam e necessitam da utilização da norma culta da língua. Segundo Levy (1993, p. 33) isso ocorre porque “as redes de informática modificam, não só a visão de mundo de seus usuários, como também as habilidades cognitivas”. Isto se dá devido a articulação de diferentes modos de enunciação (verbal, visual e sonoro) que se mostram na tela do computador, e mais usualmente na tela do celular. Ao modificar a forma de relação do sujeito leitor/escritor com o texto lido ou digitado, percebe-se uma migração do processo comunicativo, onde oralidade e escrita se combinam.

O oral e o escrito se dissolvem, principalmente levando-se em conta as condições de produção discursiva digital de um tipo de ‘fala’ que faz uso da escrita mediada pelo teclado. Trata-se, sem dúvida, de mudanças no processo de construção discursiva da linguagem e não de mera construção ou invenção de novos códigos (FREITAS; COSTA, 2011, p. 24).

Neste sentido a fala dos/as participantes apontam para esse fato, evidenciado principalmente no texto dos participantes 08 e 15:

Eu leio bastante. Gosto de ler o que me interessa. Não gosto de ficar horas e horas com um livro na mão, mas gosto de ler o que me mandam no whastapp. Não dou conta de ficar sem ver a mensagem que chegou. Ler livro é muito chato. A gente não sai do lugar. (Participante 05).

Não sei pra que ficar lendo livro se na internet tem tudo. Também não sei pra que a gente perde tempo aprendendo português se quando escrevo, o computador me diz onde foi que eu errei. (Participante 08).

A internet é muito legal. A gente nem precisa mais de livro, tem tudo na internet. Não sei porque temos que estudar se tem tudo na net. A hora que a gente precisa é só acessar. Ler e escrever é muito chato. (Participante 09)

Eu tenho muitas dificuldades para escrever no papel. Escrever usando o celular ou o computador é muito mais fácil. Quando a gente erra automaticamente o computador corrige, isso não ocorre quando a gente escreve. Quando eu lei. Acho muito maçante. Não consigo me concentrar. No celular eu passo horas e não me canso. (Participante 15).

Sabe, uma grande dificuldade que tenho em relação a ler é conseguir me concentrar. Não sinto essa mesma dificuldade no celular porque não preciso ficar de olho em uma página muito tempo, se eu canso tenho como mudar. No livro não tem como. (Participante 18).

Não gosto de ler livro. É cansativo. Estudar é muito difícil. Quem disse que consigo me concentrar. Tudo me distrai. [...] No celular tudo é fácil. Era preciso ter um jeito da gente aprender só usando o celular. (Participante 20)

Os relatos dos/das participantes atestam a compressão do *homo zappiens*, pois a utilização das tecnologias modificou profundamente a relação com a leitura e a escrita principalmente no que se refere a concentração, a linearidade. O *homo zappiens*, vive no tempo do hipertexto. Levy (1993, p. 40-41) entende que:

O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra ou parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso. [...].

Essa ideia é corroborada por Veen, Vrakking (2009) que ao perceberem o uso da tecnologia como suporte integrante para a nova forma do ser humano se relacionar na sociedade, pontuam:

Os usos dessas tecnologias influenciaram o modo de pensar e o comportamento do *Homo zappiens*. Para ele, a maior parte da informação que procura está apenas a um clique de distância, assim como está qualquer pessoa que queiram contatar. Ele tem uma visão positiva sobre as possibilidades de obter a informação certa no momento certo, de qualquer pessoa ou de qualquer lugar. O *Homo zappiens* aprende muito cedo que há muitas fontes de informação e que essas fontes podem defender verdades diferentes (VEEN, VRAKKING, 2009, p. 29-30).

Esse entendimento dos autores pode ser percebido no relato dos praticantes 09 e 20.

Outro aspecto que vale ressaltar é a ausência de concentração relatadas em quase todas as falas (15, 18,20). A ausência de concentração é fato decisivo na caracterização do homo zappiens, como bem apresentam Veen, Vrakking (2009, p. 27).

[...] muitos colegas na Europa inteira experimentaram o fato de que os alunos de hoje demandam novas abordagens e métodos de ensino para que se consiga manter a atenção e a motivação na escola. Ouvimos muitos deles dizerem que os alunos dedicam atenção às coisas por um período curto de tempo, que não conseguem ouvir alguém falar por mais de cinco minutos.

Neste percurso vamos notando o surgimento de uma nova cultura, de uma nova percepção de mundo que se altera a medida que os recursos digitais passam a ser mais valorizados. “Assim, a escrita/ leitura em ambientes digitais, on-line, passa a instaurar uma nova cultura nos nossos tempos da cibercultura avançada” (COUTO; OLIVEIRA. ANJOS, 2011, p. 152).

Considerações Finais

O texto que apresentamos é apenas um recorte de uma pesquisa realizada durante dois anos. No que se refere a questão norteadora, fomos capazes de perceber que a leitura/escrita para alunos de graduação é vista como algo que necessita ser reordenado e reorganizado, pois as mídias eletrônicas têm conduzido a percepção e novos meios de aprendizagem.

Numa sociedade em que o visual, o sonoro e o verbal apresentam numa amalgama, fica perceptível a necessidade do professor empreender novas formas de ensinar. Sendo capaz de explorar os recursos digitais disponíveis, como as redes sociais e os diversos recursos comunicativos utilizados pelos/as discentes. Faz-se necessário repensar toda a atividade docente a fim de responder aos novos anseios de uma sociedade cada vez mais digitalizada que usa esses recursos como parte importante e significativa de seu fazer e de seu ser no mundo.

Referências

- COUTO, Edvaldo Souza; OLIVEIRA, Marildes Caldeira; ANJOS, Raquel Maciel Paulo dos. Leitura e escrita on-line. In: BONILLA, Maria Helena Silveira, PRETTO, Nelson De Luca. (Orgs). **Inclusão digital: polêmica contemporânea** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 145-162.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2.ed. rev. e ampl. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros**. Tradução de M. G. F. França. Rio do Janeiro: Agir, 2011.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTRO, Raimundo Márcio Mota de. Apontamentos sobre leitura e escrita em tempos digitais. In: INTEREDU - Seminário Perspectivas interdisciplinares na educação: diálogos inovadores e compromisso social [recurso eletrônico], 1., 2016, Uberaba. **Anais...** Uberaba: UNIUBE, 2016. p. 346-353.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 291-298, maio-ago., 2015
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed34, 1993.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. **Cadernos ASLEGIS**, n. 48 Janeiro/Abril, 2013. Brasília. p. 11-46.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PEREIRA, Lucas de Almeida. Os primórdios da informatização no Brasil: o “período paulista” visto pela ótica da imprensa. **História** (São Paulo) v. 33, n.2, p. 408-422, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v33n2/0101-9074-his-33-02-00408.pdf> Acesso: 10 jul. 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

VEEN, Wim; VRAKKING, Bem. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Arrmed, 2009.

ZARZALEJOS, José Antonio. Cidadania Digital. **Revista Uno**. São Paulo. p. 11-13. n. 24. Maio 2016. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2016/01/UNO_24_BR_alta.pdf Acesso: 20 out. 2017.

Submissão: Dez. 2017

Aprovado: Nov. 2018